

GRAMÁTICA SOCIAL E DIVERSIDADE CULTURAL

Clara da Rosa Pereira¹
Maria Escarlata Pereira²
Juliana Soares³

Orientadora: Dra Maria Odete da Rosa Pereira⁴

INTRODUÇÃO

O texto a seguir busca uma reflexão em torno dos desafios que se apresentam no contexto da Educação do Campo (RS) mais especificamente a que ocorre em São Lourenço do Sul, considerando que há uma linguagem própria, falada e desenvolvida neste contexto de diversidade cultural e social.

Para embasar a reflexão trabalha-se com categorias a priori que consideramos que influenciam as relações de poder estabelecidas na sociedade, mais especificamente no meio que envolve o ensino aprendizagem, a Educação formal.

Como expressou Paulo Freire : ...*A leitura do mundo precede a leitura da palavra* (Freire, 1982), sabiamente , ao nosso ver, Freire refere-se ao conteúdo cultural que o sujeito traz consigo desde que tornou-se humano. Segundo Walon nós só nos tornamos humanos porque somos entregues à raça humana quando nascemos, e neste momento, nossa família e o grupo social nos recebe. Segundo o autor a partir daí começamos um processo de aprendizagem e interação que só acaba com a morte da consciência.

Torna-se necessário apontar o lugar de onde estamos falando, isto é, nosso posicionamento teórico e também o contexto do qual se fala. O método que compartilhamos é do materialismo histórico e dialético, a atuação concreta é na educação do campo, esta que se compõe de diferentes sujeitos e suas etnias e culturas próprias. O desafio de se construir um consenso a partir de diferentes leituras de mundo é o que se enfrenta numa sala de aula de educação do campo numa universidade que historicamente não se construiu para tal tarefa. Os educadores na sua maioria não foram formados para atuar neste contexto. Embora nas décadas de 1980-1990 muito se discutiu sobre tais temas nas universidades, para a maioria dos estudantes ainda eram teorias , suposições , não havia de fato esta realidade para lidar com ela no dia a dia. Nos últimos 10 anos, houve uma renovação no público das

¹ Doutoranda do PPGEA (Programa de pós graduação em Educação Ambiental) FURG – Universidade Federal do Rio Grande – cladarosapereira@yahoo.com.br

² Graduanda da LEDOC (Licenciatura em Educação do Campo) FURG- São Lourenço do Sul. mariaescarlatapereira@gmail.com

³ Graduanda da LEDOC – Licenciatura em Educação do Campo – FURG – São Lourenço do Sul - nogueirajuliana84@gmail.com

⁴ Professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande – FURG- mariaodete@furg.br

universidades, além de haver uma rotatividade, um intercâmbio de experiências de diferentes estudantes dos estados brasileiros e suas peculiaridades, através do ENEM, ainda houve a presença de outras etnias, indígenas e quilombolas, negros e negras com convicções firmes e questionadoras construídas, na maioria das vezes no movimento popular ou comunitário.

A educação do Campo em São Lourenço do Sul conta ainda com a presença dos povos imigrantes Pomeranos (imigrantes advindos da Pomerânia) com forte influência no contexto social e linguístico local. É uma diversidade esplêndida, tudo que se apregou nas décadas de 80 e 90 agora é uma realidade e precisamos colocar em prática nossas teorias tão bem elaboradas.

A questão que se apresenta, a nosso ver, não trata apenas de diferentes culturas tentando dialogar. Como citado no resumo, Quem pode dizer e quem é obrigado ao silêncio? Quem diz, em que momentos: a prece, a ordem, o ensino, a lei, a poesia, a súplica, o grito de guerra, a palavra de paz? (Brandão, 2001). O autor nos diz que existem algumas regras subliminares na sociedade relativas ao poder de quem fala, quem pode dizer palavra, quem é sujeito de ação e quem deveria obedecer.

Embora haja tendências fortes buscando influenciar a sociedade, através dos movimentos organizados e da pressão política para que se dê ouvidos e voz às classes populares, aos que estão em vulnerabilidade (etnias), aos diferentes (gêneros), ainda assim o poder, a hegemonia e a ideologia continuam atuando como uma força que tenta romper os limites do respeito às diferenças e as proposições de direitos iguais nas relações.

A realidade atual das universidades brasileiras não foi criada por acaso, de forma espontânea, foi muita pressão, muita luta de grupos que não se conformavam com a educação só para os brancos e classe média e alta. A classe trabalhadora rompeu com este paradigma e conseguiu através da participação política criar uma nova realidade. No entanto ganhamos espaço, mas não hegemonia e poder. Estamos no meio do caminho e já houve retrocesso político no país o que coloca mais um obstáculo na construção desta nova educação, nova universidade, nova sociedade, no campo, na cidade, nas tribos e nos quilombos.

METODOLOGIA

O trabalho resulta de uma investigação participante ocorrida durante as aulas de graduação na LEDOC (licenciatura em Educação do Campo), o grupo de estudantes se desafiou a refletir sobre as diferenças linguísticas e culturais existentes entre os discentes que compunham o coletivo da LEDOC. Suas lutas, raízes nos movimentos sociais, e no caso dos indígenas suas comunidades, visões de mundo eo que estaria permeando em termos teóricos as relações entre si e com a instituição de ensino. Através de leituras, discussões no grupo e nos coletivos se produziu o material aqui apresentado.

DESENVOLVIMENTO

Para que se possa continuar a reflexão sobre a gramática social criada pela diversidade cultural e política da realidade atual torna-se importante trazermos alguns conceitos *a priori*.

Em primeiro lugar temos o conceito de **totalidade**. Como se poderia pensar, neste caso, o todo não significa a soma das partes, mas algo mais complexo. No Dicionário do Pensamento Marxista, encontramos uma orientação para o termo:

Em contraste com as concepções metafísica e formalista, que a tratam como totalidade abstrata, intemporal e, portanto, inerte – na qual as partes ocupam uma posição fixa num todo inalterável – o conceito dialético de totalidade é dinâmico, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente imutáveis, da realidade objetiva. Como disse Lukács: “A concepção dialético-materialista da totalidade significa, primeiro, a unidade concreta de contradições que interagem (...); segundo, a relatividade sistemática de toda totalidade tanto no sentido ascendente quanto no descendente (o que significa que toda totalidade é feita de totalidades a elas subordinadas, é também que a totalidade em questão é, ao mesmo tempo, sobre determinada por totalidades de complexidade superior)e, terceiro, a relatividade histórica de toda totalidade, ou seja, que o caráter de totalidade de toda totalidade é mutável, desintegrável e limitado a um período histórico concreto e determinado (LUKÀCS, 1948, p. 12, apud BOTTOMORE, 2001, p. 381).

O caráter histórico da totalidade e a unidade concreta de contradições que interagem no diz profundamente quando se trata da relação entre os diferentes e a construção de um consenso da língua falada, escrita, vivida e das possíveis leituras inerentes a tais realidades. No entanto, atentemos que tratar com igualdade de oportunidade os diferentes, não significa tratar igualmente os desiguais, isto seria injusto pois cada qual deve ter suas especificidades respeitadas. Vivemos um período histórico em que estamos no meio do processo, daqui ou avançamos ou retrocedemos.

Dentro de tal contexto como agir na educação, nas salas de aula? Que desafios enfrentam os educadores para que não reproduzam o autoritarismo de impor uma só língua falada e escrita como hegemônica nesta diversidade.

Ideologia

Vale salientar que adotaremos o conceito de ideologia de Gramsci, considerando que desde a produção inicial de Marx até os dias atuais existem diferentes conotações para “ideologia”. De acordo com o Dicionário do Pensamento Marxista:

A existência de duas importantes concepções de ideologia dentro da tradição marxista é motivo de muitos debates. Alguns autores

contemporâneos acreditam que apenas uma dessas versões é realmente marxista., enquanto outros, incapazes de aceitar uma discordância entre Marx e Lênin, tentaram conciliar ambas as versões. Foi o que aconteceu com Althusser, que propôs a mais influente concepção de ideologia das duas últimas décadas. (BOTTOMORE, 2001, p. 186).

A respeito de ideologia, Althusser

...distingue uma teoria da ideologia em geral, na qual a função da ideologia é assegurar a coesão na sociedade, da teoria de ideologias específicas, na qual a função geral já mencionada é sobredeterminada pela nova função de assegurar a dominação de uma classe. Essas funções podem ser desempenhadas pela ideologia na medida em que esta é “uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1971: 153 apud BOTTOMORE, 2001, p. 186).

As citações acima ilustram os posicionamentos diante do aporte teórico a que remete tal palavra. Nós trabalhamos com as concepções gramscianas por diferentes motivos; um deles é que este rejeita as concepções negativas de ideologia, principalmente quando estas se referem às “elocubrações arbitrárias de indivíduos particulares” (GRAMSCI, 1971: 376 apud BOTTOMORE, 2001, p.186). Para Gramsci, a ideologia faz parte de um conceito de organicidade e se manifesta através de diferentes expressões, no direito, na arte, na educação, na economia, tanto de forma individual quanto coletiva. Por fim: “o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.” (1971:377, apud BOTTOMORE, 2001, p. 186).

Partilhamos também da idéia de que existe uma ideologia orgânica com a classe dominante sustentada exatamente pelos intelectuais que representam seus interesses, isto é, desta classe. Esse campo de pensamento foi inaugurado por Gramsci, de considerar que a ideologia dominante é produzida pelos intelectuais orgânicos desta classe por meio da educação, da comunicação, da arte, etc. E que na maioria das vezes o mecanismo utilizado no sistema é o próprio Estado, pelo que o autor chamou de “aparelhos ideológicos do Estado”, onde a escola e a comunicação de massa cumprem papel fundante. “É, portanto, na ideologia e pela ideologia que uma classe pode exercer HEGEMONIA sobre outras, isto é, pode assegurar a adesão e o consentimento das grandes massas” (BOTTOMORE, 2001, p. 186).

Hegemonia

Começamos por lembrar que conceitos são dinâmicos e construídos historicamente, não fechados em si e estanques. Desse modo, ao pensarmos em hegemonia temos que ter em mente os movimentos pelos quais esse conceito foi perpassado. Segundo o Dicionário do Pensamento Marxista, Hegemonia pode significar dois sentidos opostos: um deles é “domínio”, como usado por Mao Tse-Tung como hegemonismo para identificar uma

modalidade de domínio de um país sobre o outro; o segundo se refere a uma liderança política. Gramsci, por sua vez, se refere ao termo como uma estratégia da classe operária (num primeiro momento). Escreveu: “sistema de alianças que a classe operária deve criar para derrubar o Estado burguês e servir como base social dos trabalhadores (GRAMSCI, 1978:443, BOTTOMORE, 2001, p. 177). Na definição de Gramsci a classe hegemônica é a que lidera politicamente porque vai além de seus interesses econômicos imediatos (pelos quais pode até ter lutado na arena política) para representar o avanço universal da sociedade. Para sintetizar o que diz Gramsci, “uma hegemonia completamente desenvolvida deve repousar no consentimento ativo, numa vontade coletiva em torno da qual vários grupos da sociedade se unem”.

Perguntamo-nos dessa forma, como se constrói hegemonia na diversidade do contexto social atual, em sala de aula onde ainda nos parece que o hegemônico é o saber historicamente construído e consolidado nas classes dominantes. Como se construir alternativas que dialoguem com uma nova proposta de sociedade calcada na pluralidade, quando ainda a verticalidade do sistema é que impera, textos escritos em língua portuguesa, ensino da literatura, das ciências exatas, etc.

Práxis

A práxis é uma categoria filosófico-política que nos reporta a dois pensadores que orientam nossas produções: Vazquez e Gramsci. Encontramos em Valadares (2007) algumas considerações sobre o conceito de práxis destes pensadores:

Adolfo S. Vazquez e Gramsci entenderam a práxis como a unidade entre teoria e prática. Vazquez propõe que a práxis apenas irrompe na história da filosofia com Marx. O marxismo, assim, concede ao proletariado, de fora, a indispensável possibilidade, para passar à ação, de chegar à consciência de sua missão histórico-universal e da necessidade de negar-se a si mesmo como classe – o que representa o fim de todas as classes – a fim de alcançar a sua emancipação. Gramsci designa o marxismo como “filosofia da práxis” no lugar de “materialismo histórico”, uma formulação que, mesmo composta com o adjetivo “histórico”, evocava “incrustações positivistas” e uma desvalorização da política. Vazquez e Gramsci também coincidem quanto à valorização da educação e do Partido. Para Vazquez, o trabalho de educação, organização e direção de uma práxis revolucionária reflexiva reclama o auxílio do setor consciente do proletariado e, por sua vez, daquele que seja o mais decidido a associar a teoria e a prática revolucionárias. Tal setor deve compreender teoricamente as condições, limites e metas do vínculo da luta revolucionária com os atos práticos desta luta. (VALADARES, 2007, p. 1).

Práxis: palavra de origem grega que se refere a “quase todos os tipos de atividade que o homem livre tem possibilidade de realizar; em particular, a todos os tipos de

empreendimentos e de atividades políticas” (Lobkowitz, 1967: 9 apud Bottomore, 2001, p. 292). Diante de todos os referenciais que encontramos para o conceito de práxis, assim como nossa própria trajetória nos movimentos sociais e políticos, podemos afirmar que esta é a base da prática social transformadora. Quem tem entendimento do significado dessa pequena palavra sabe que ela é desafiadora, pois não se refere apenas à prática por si só; se assim fosse, se esvaziaria num ativismo sem direção. Por outro lado, acaba com a visão iluminista e vanguardista de uns poucos direcionando as massas. É nesse sentido que a concepção de Gramsci, aliando o sentido do intelectual orgânico de uma classe social com o conceito de práxis, torna-se completa. A nosso ver, a práxis se complementa através do exercício da prática social reflexiva que só é possível se realizar em espaços coletivos. Não conseguimos projetar uma reflexão solitária como práxis; esta é arraigada a uma prática social sistemática e por isso se aplica aos grupos, movimentos e partidos políticos.

Alienação

Existem diferentes conceitos ligados à palavra alienação, desde o cristianismo e a idolatria do velho testamento, até os usos dessa palavra pelo direito e economia, referindo-se à dívidas de propriedade na medicina e na psiquiatria como desvio da normalidade. Contudo, o conceito que adotamos é o marxista, através do qual é considerada a ação pela qual (ou estado pelo qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (permanecem) alheios, estranhos, enfim “alienados” aos resultados (produtos) de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza à qual vivem, e/ou a outros seres humanos, e – além de e através de – também a si mesmos (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). Nesse caso, a alienação de si mesmo pode-se dizer é a essência da alienação e não apenas mais uma (Bottomore, 2001, p. 05).

Para nós que temos na categoria trabalho uma centralidade teórico-filosófica, pensamos que a alienação se expressa na relação que se estabelece do ser humano com a sua natureza exteriorizada, o “trabalho”. Quando existe um estranhamento do ser criativo com o produto de sua atividade, quando este não consegue se reconhecer naquilo que faz, então é o embrião do processo de alienação e por isso é dito por Marx que a alienação de si mesmo é a essência; é claro, pois a atividade primeira da consciência se dá no processo de trabalho. **O**

subtexto na gramática social

A linguagem escrita é a forma de linguagem mais prolixa, exata e desenvolvida. Nela temos de transmitir por palavras o que na linguagem falada se transmite por entonação e pela percepção imediata da situação (VYGOTSKY, 2001, p.456).

Ao nos desafiarmos a análise de um determinado texto, estamos certos de que houve um trabalho dinâmico de elaboração que encerra um movimento do geral e complexo ao

específico e focado. Muitas narrativas ficam expressas muitas vezes num só texto. Vygotsky nos expõe suas reflexões que traçam comparativos entre a fala interior, a fala exterior (verbal) e a linguagem escrita. Para o autor, existem nuances diferenciadas entre cada uma destas. Vejamos:

A linguagem escrita contribui para o fluxo do discurso na ordem da atividade complexa. É nisto que se baseia o emprego de rascunhos. O caminho entre o esboço e o ato de passar a limpo é uma via de atividade complexa, mas até mesmo quando não há cópia fatural o momento da reflexão no discurso escrito é muito forte; muito amiúde falamos primeiro para nós mesmos depois escrevemos: aqui estamos diante de um rascunho mental (VYGOTSKY, 2001, p.457).

No momento em que lemos algo que foi escrito com intencionalidade para estabelecer um conjunto de estratégias que visam dar solução prática a diferentes problemas da realidade, então podemos tentar identificar os interlocutores dessa escrita; certamente, existem vários, todos mediatizados por quem escreve. Para Vygotsky, “ser constituído de sujeitos e predicados desdobrados, é uma lei da linguagem escrita; omitir sempre o sujeito e constituir-se apenas de predicados é lei da linguagem interior” (VYGOTSKY, 2001, p. 458).

Em relação ao subtexto e na formulação de pensamento e expressão deste:

No nosso pensamento existe sempre uma segunda intenção, um subtexto oculto. ...a passagem direta do pensamento para a palavra é impossível e sempre requer a abertura de um complexo caminho. As experiências mostram que o pensamento não se exprime em palavras mas nela se realizam (VYGOTSKY, 2001, p.478-479).

E mais:

“O pensamento não é só externamente mediado por signos como internamente mediado por significados (VYGOTSKY, 2001, p.479)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fala dos indígenas, das comunidades quilombolas, das negras, dos negros, das *pomeranas* e *pomeranos* entrecruza-se nas salas de aula da educação do campo. Como criar um texto, uma só gramática que dialogue com todos estes elementos contendo as histórias de cada grupo nos seus subtextos. Como mediar este subtexto em nossa gramática? De que forma respeitar a fala de cada um no seu lugar no tempo e no espaço buscando construir novas relações, mais democráticas onde o respeito aos direitos humanos estejam na base. São alguns desafios que se apresentam no momento atual onde existe o risco real e concreto de retrocessos e perda de direitos.

Até que ponto há necessidade de se reforçar o ensino/aprendizagem dialógico e problematizador para que tais sujeitos avancem na formação da consciência crítica. Em primeiro lugar precisamos identificar quem são estes sujeitos que necessitam vencer a alienação, são os estudantes ou os professores, ou o todo complexo? Ficamos com o todo

porque há necessidade de se convencer alguns sujeitos de que o saber é democrático, isto é, torna-se imprescindível o diálogo, e este se dá entre os diferentes, senão estaremos falando para nós mesmos. Torna-se fundamental ouvir o que o “outro” tem a dizer. E este tal outro muitas vezes se expressa como um indígena, um quilombola ou talvez uma *pomerana*, ou apenas uma agricultora familiar com costumes e crenças peculiares.

Nós educadores, professoras e professores, temos urgência em exercitar a empatia, isto é, o colocar-se no lugar do outro, abrir a mente e buscar compreender aquilo que nos está sendo repassado. Mas isso teria que ser de fato e radicalmente e não apenas em verbo, em linguagens faladas. Deveria se expressar em atitudes de solidariedade e compaixão com aquele que se esforça para viver na civilização predominante, nem tão civilizada assim, dado o número de atentados à vida que se tem notícias.

No momento atual vivemos uma contradição expressa na fala de alguns brasileiros que comungam com a violência de classe contra classe. Esta capitaneada pelo governo federal, que mais do que qualquer outro na história ideologizou o próprio discurso. Professores, estudantes e populações indígenas, quilombolas, LGBTQIA, se tornam vulneráveis diante do incentivo à violência, a xenofobia, homofobia e mais.

Na iminência de perdemos conquistas importantíssimas para a justiça social, a emancipação da consciência, solidariedade de classe e tolerância, seguimos em frente resistindo nas salas de aula, na pesquisa e na extensão com esperança de que a juventude e o povo trabalhador não abram mão das suas vitórias.

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, Tom (org), et al. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De angicos a ausentes: quarenta anos de educação popular**. Porto Alegre: MOVA- RS; CORAG, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- VALADARES, Rodrigo. **Categorias éticas e políticas para fundamentar a transformação do mundo burguês**. Encarte espaço aberto, 2007.
- VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales; São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martin Fontes, 2001.